

Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais

RODRIGO FERNANDES KOSHINO

Disponível 8424-0124

Brasília
2016

RODRIGO FERNANDES KOSHINO

Disponível 8424-0124

Monografia de conclusão do curso
de Bacharelado em Artes Plásticas
Departamento de Artes Visuais, do
Instituto de Artes da Universidade
de Brasília. IDA/UNB.

Orientadora: Profa. Dra. Karina e
Silva Dias.

Brasília
2016

Resumo

Este trabalho apresenta um memorial e uma análise da produção artística desenvolvida para a disciplina Diplomação em Artes Plásticas – Bacharelado. Relacionando estudos direcionados a intervenção urbana, site-specific, non-site e videoinstalação. Desenvolvendo idéias relacionadas a tempo, eco-imagético e paisagem.

Palavras-chave: Site-specific, non-site, videoinstalação, intervenção urbana, eco-imagético, paisagem.

Abstract

This paper presents a memorial and an analysis of artistic production developed for the graduation course in Fine Arts - Bachelor's Degree. Reconnecting studies aimed at urban intervention , site-specific , non- site and video installation . Developing ideas related to time , eco- imagery and landscape .

Keywords: Site-specific, non-site, video installation, urban intervention, eco-imagery, landscape

Disponível 8424-0124

Sumário

[Introdução](#)

[Memorial](#)

[Grafites](#)

[Bom-dia Flor-do-dia](#)

[Procura-se](#)

[A transposição da Intervenção urbana para a galeria](#)

[Meta-Fora](#)

[Disponível 8424-0124](#)

[O vídeo](#)

[A lona](#)

[A relação vídeo/lona](#)

[Considerações Finais](#)

[Referências](#)

Introdução

O presente trabalho apresenta minha trajetória no curso de Bacharelado em Artes Visuais, que culmina com a realização da videoinstalação “Disponível 8424-0124 no Espaço Piloto da Universidade de Brasília, uma obra artística *nonsite* (Smithson, 1996), pois utiliza de materiais e registros de uma obra realizada em *site-specific* para exposição dentro de uma galeria.

No primeiro capítulo será apresentado o memorial da minha trajetória artística durante o Bacharelado. Foram selecionados trabalhos que representam partes do desenvolvimento da minha compreensão quanto aos conceitos utilizados para a realização do trabalho final do curso. As obras que apresento foram realizadas com técnicas. O primeiro exemplo está na minha caminhada com o grafite, discorre sobre minha fase inaugural de interação com intervenção urbana e pintura. Em seguida a pintura Bom-dia Flor-do-dia, expõe uma situação cotidiana de jovens situados em uma paisagem suburbana, que evidenciou minha atenção aos elementos que intervêm nos ambientes urbanos. Por último apresento a intervenção urbana “Procura-se”, realizada em uma quadra comercial de Brasília, a experiência me permitiu vivenciar uma situação de interação com as pessoas que circundavam aquele ambiente. Diferentemente dos trabalhos anteriores utilizei de meios que se camuflam no cotidiano como uma faixa de anuncio, renunciando o uso de recursos artísticos tradicionais como a pintura.

No segundo capítulo serão apresentados dois trabalhos interdependentes, a intervenção urbana “Meta-fora” e a videoinstalação “Disponível 8424-0124”. Será discutido também seus processos de realização e a relação entre as obras. O “Meta-fora” é uma intervenção urbana que pode ser considerada um site-specific (Smithson, 1996) e foi realizado em um outdoor à beira de uma avenida movimentada. Durante a discussão apresento a proposta do termo “eco-imagético” para definir melhor a intervenção. Durante a realização da intervenção houve uma intensa e diversificada interação entre a obra e pessoas que por lá passaram. Concluindo o capítulo será descrita e discutida a videoinstalação “Disponível 8424-0124”, que pode ser considerada como uma obra nonsite, uma vez que foi construída transpondo registros e elementos do site-specific apresentado anteriormente. A videoinstalação é fruto de uma reflexão e faz uma provocação sobre as diferentes percepções de tempo e espaço.

Memorial

Neste capítulo apresentarei os trabalhos produzidos desde 2013 até hoje que representam parte do caminho percorrido para a chegada da produção da videoinstalação “Disponível 8424 0121”.

A escolha dos determinados trabalhos se dá por conterem elementos ou conceitos que estão diretamente ou indiretamente relacionados ao desenvolvimento da videoinstalação. Cada obra apresenta diferentes aspectos que considero como rastro de um caminho tortuoso que percorri.

A trajetória que me levou a elaborar este texto teve inúmeros percursos no curso de Bacharelado em Artes Visuais, desde oficinas que melhoraram as técnicas instrumentais, discussões e trabalhos que trouxeram reflexões e compreensões de novos conceitos sobre arte, artistas, seus contextos e papéis.

Na seleção dos trabalhos, escolhi os fragmentos de momentos que relatam minha relação com práticas de grafite, pintura e intervenção urbana com conotação de site-specific. Segundo Ferreira (2009), a definição de site-specific pode ser descrita, de uma forma simples, por uma troca entre o trabalho artístico e o lugar no qual os seus significados são definidos. Da mesma forma que expressões, ações e eventos são afetados pela sua posição, pela situação na qual estão envolvidos.

Estas práticas me levaram a um exercício de pensamento em composição e conceito sobre futuros projetos artísticos.

Grafites



(Olinda, PE. Spray sobre parede, 2013)

Comecei a produção em grafite na adolescência e continuo com a prática até hoje. O grafite é para mim sempre foi um grande incentivo à produção artística. Durante o meu percurso no Bacharelado de Artes Visuais, conheci referências de artistas, poéticas e diferentes técnicas, e isso me permitiu direcionar o olhar para práticas de pintura e intervenção urbana. Entendo que o grafite é uma forma de junção dessas práticas.

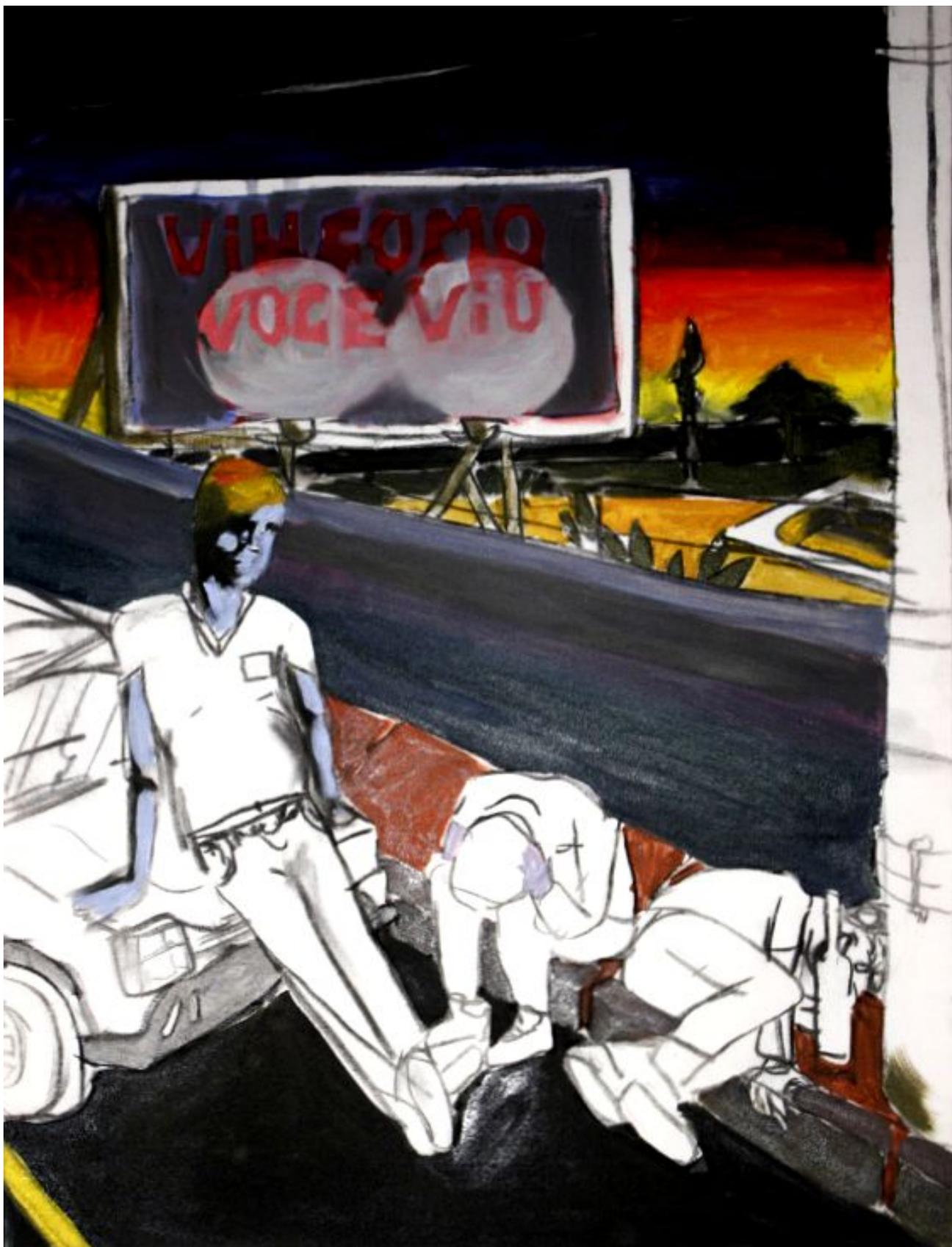


(Vale do Capão, BA. Spray e tinta acrílica sobre Parede, 2016)

Nesse direcionamento de estudo, percebi que a relação do grafite com o muro não é como a relação da pintura tradicional com a tela. Nesta relação, o que importa para o artista é a composição da obra delimitada pelas fronteiras da tela enquanto que o grafite exprime seu significado ao se inserir no ambiente urbano. Meus pensamentos, enquanto grafiteiro, relacionam-se com o contexto da localidade, com as cores dos elementos que estão à sua volta e também com os contornos do ambiente que circunda o grafite. Mesmo

desconhecendo conceitos *desite-specific*, intuitivamente minhas práticas já manifestavam as preocupações da relação do grafite com o ambiente.

Bom-dia Flor-do-dia



(Óleo e carvão sobre tela, 60x70cm, 2013).

Pintura realizada na disciplina Ateliê 1 com o Professor Gê Orthof. Nesta tela começo a manifestar a preocupação sobre a excessiva poluição visual urbana e precariedade da vida consumista nas grandes cidades. Essa precariedade é exposta na pintura através de elementos como a cerca elétrica, o extenso muro de concreto e o outdoor com uma mensagem inóqua ocupando um jardim. O aparente desleixo para concluir a pintura expõe a manifestação de descaso e incompletude que é o que o cenário sugere. Ao inserir a figura do outdoor com certo destaque na tela, denuncio a presença de elementos meramente mercantilistas que intervêm nos ambientes urbanos e provocam a resignificação da paisagem.

Procura-se



(Intervenção Urbana, Brasília, 2014)

Na intervenção urbana (Lima, 2010) “Procura-se”, realizada para a disciplina Ateliê 2, usei como estratégia meio visual o mesmo recurso utilizado pelos agentes mais precários da publicidade urbana. Foi fixada uma faixa com a frase: “PROCURA-SE CONTEXTO” e o número do meu celular na Quadra Comercial 209 do bairro Asa Norte. Neste local, passam muitos carros em baixa velocidade e tem um grande fluxo de pedestres, que possibilitou um alto grau de visibilidade. É um local que as faixas com propagandas são normalmente fixadas. A instalação teve a intenção de ser semelhante às faixas que poluem visualmente as cidades com anúncios como: “Procura-se poodle branco”, “Compra-se apartamento”, “Vende-se casa”, etc.

O contexto procurado poderia ser entendido pelos espectadores de diversas formas. Segundo o dicionário online Priberam, “contexto” possui um largo espectro de significados:

1. Conjunto de circunstâncias à volta de um acontecimento ou de uma situação;
2. Aquilo que envolve algo ou alguém;
3. Conjunto de elementos linguísticos à volta de som, palavra, locução, construção, frase, parte de discurso, etc.;
4. Modo pelo qual as ideias estão encadeadas no discurso; e
5. Ligação entre as partes de um todo.

Segundo Barja (2008), para que o artista consiga tornar sua intervenção urbana inter-relacional com seu meio, é necessário entender o contexto histórico, sociopolítico e cultural do local onde será feita a intervenção.

Procura-se foi uma intervenção que tinha o propósito inicialmente de interagir com os espectadores. Entretanto, considerando o simbolismo da faixa naquele local e a amplitude do conceito da palavra contexto, não havia uma expectativa definida sobre as possíveis reações e reflexões que a interação poderia provocar.

Para realizar o trabalho, liguei para a gráfica e fiz o pedido de confecção da faixa passando todas as especificações e a frase. O lojista disse para eu pegar a faixa às 13 horas. Ao chegar no estabelecimento percebi que havia feito uma aposta, se meu telefonema era um trote ou não. Ao me ver, o Waldir (quem escrevia as faixas) ficou feliz por ter ganhado a aposta que havia feito com seus colegas. Fez a faixa na hora na maior alegria.

Após pegar a faixa, fui ao local escolhido para a intervenção. Quando saí do carro com a faixa debaixo dos braços, um homem de boné me abordou dizendo assim: “Aê rapá, me dá uma ajuda que eu boto essa faixa na hora! ”. Dei uma olhada na carteira e tinha apenas R\$ 2,00 e ele aceitou fazer o serviço por esse preço. Ele autorizou a filmagem desde que se não filmasse seu rosto.

Obtive apenas uma resposta a faixa, uma ligação que não pude atender pois estava em aula, logo depois da aula liguei de volta e o telefone não atendeu. Talvez eu tenha perdido minha chance, ou talvez a ligação não atendida seria o próprio contexto.

Site specific

O termo site specific faz menção a trabalhos artísticos criados de acordo com um espaço determinado. Geralmente planejados para o local, onde elementos esculturais dialogam com o meio circundante, sendo ele natural, espaço de galeria ou área urbana. A noção de site-specific se relaciona com a produção voltada ao espaço em sí, incorporando-o à obra, transformando-o. As características sociais, físicas, ambientais de cada localidade dialogam com a intervenção artística.

Non-site

Segundo Prando (2009) o termo non-site se trata de fragmentos tomados da paisagem e 'moldados' dentro da galeria, quebra a polaridade existente entre o dentro e o fora, e abre a possibilidade para um terceiro que poderia conter ambos. As transposições do site para um non-site não são registros/decalques do site, representações, fechados sobre si mesmo, mas verdadeiras cartografias que permitem pensar a construção de novas territorialidades artísticas abertas e concetáveis em suas dimensões, reversíveis e suscetíveis de receberem modificações constantemente.

A transposição da Intervenção urbana para a galeria

Neste capítulo serão apresentadas a intervenção urbana “Meta-fora” e a videoinstalação “Disponível 8424-0124”. Serão descritos os processos de realização e discutidos a relação de interdependência entre as obras. O “Meta-fora” pode ser considerada um site-specific (Smithson, 1996), por ser uma intervenção urbana que não poderia ser reproduzida em outro lugar que não àquele em que esteve instalada. Apresento a discussão para a proposta do termo “eco-imagético”, que considerei apropriado para definir melhor a intervenção. Posteriormente, neste capítulo, será descrita e discutida a videoinstalação “Disponível 8424-0124”, que pode ser considerada como uma obra nonsite, uma vez que foi construída transpondo registros e elementos da intervenção urbana Meta-fora. A videoinstalação é fruto de uma reflexão sobre as diferentes percepções de tempo e espaço. Ao exibir na galeria, faz um convite e provocação aos visitantes para experimentarem a situação aqui proposta.

Site-specific

Meta-Fora



(Intervenção Urbana, Núcleo Bandeirante, DF, 2015)

O “Meta-Fora” é um site-specific que consistiu na exibição de uma foto em um outdoor em uma via muito movimentada entre o Guará e o Núcleo Bandeirante. A foto é da própria paisagem onde estava localizado o outdoor, incluindo ele mesmo. Constituindo-se, assim, um eco imagético.

Proponho o uso do termo “eco imagético” para pensar o efeito da imagem exposta no outdoor, diferente de um simples reflexo da própria paisagem, como em um espelho. O eco é definido na Física como o som refletido percebido com intervalo de tempo suficiente para ser distinguido do som original. O eco-imagético provoca os espectadores a perceberem o fenômeno de reflexão da paisagem em alguma mídia visual de forma similar à sensação auditiva do eco.

A paisagem é um ato de criação, um território processado pela visão esteticamente e intelectualmente. Uma organização visual de um espaço, uma forma de leitura que percorre a imagem e a interpreta em camadas. Segundo Karina Dias (2010) a paisagem é uma eleição que conjugaria simultaneamente o individual, íntimo e pessoal e o coletivo, social e cultural.

O exercício de contemplação do espaço cria relações do observador com o espaço observado, a consciência destas relações em um ambiente urbano geralmente está relacionada a um campo de especialistas, urbanistas, paisagistas e arquitetos. A convocação da consciência-paisagística (Dias, 2010) pode se dar na relação afetiva com o espaço e seus elementos concretos. Esta relação afetiva nos ambientes urbanos pode ocorrer em espaços que já trazem consigo significados, seja nome famoso, histórico ou de importância para o ambiente urbano. Em Brasília, encontramos espaços como Praça dos Três Poderes, Torre de TV, Parque da Cidade ou, em uma visão mais individual, a vista da janela do meu apartamento. Os demais sítios podem não estimular a contemplação visual e a respectiva ligação afetiva dos sujeitos, a menos que ocorra alguma experiência que torne aquele local significativo.

O outdoor é um objeto urbano criado para anunciar algo, fazer propaganda de uma marca ou produto. Uma de suas qualidades é a de ter grande visibilidade e quanto maior suas dimensões e melhor sua localização, mais caro é o valor de seu aluguel. É um suporte para uma imagem estática ou

vídeo que fica acima da pista, podendo ser visto de longe, formando uma imagem de grande nitidez mesmo a uma distância considerável.

A realização da intervenção urbana usando o outdoor possibilitaria, segundo Duarte e Firmino (2012), um aumento de potência do aspecto relacional, fazendo com que o contexto como um todo – espaço, relações pessoais, forma de apropriação e outros – atue fortemente na rede de sentidos da obra. A forma de apropriação do espectador ganha importância significativamente e o contexto de realização da obra promove naturalmente um aumento de abertura de significado.

O projeto para realização do Meta-fora foi composto dos seguintes momentos:

Primeiro momento – Contratação do outdoor e fotografia da paisagem.



Na fase de seleção do local do Outdoor me deparei com dois problemas, o fato das empresas não fazerem o aluguel por menos de 30 dias e

o valor elevado do aluguel, estimado em R\$ 2.000,00 mensal. Após duas semanas de pesquisa, consegui encontrar um empresário que aceitou a proposta de alugar o outdoor por apenas 15 dias, embora tenha manifestado que não havia entendido muito bem o propósito do trabalho.

O outdoor ficava ao lado da antiga Estação do Guará, uma estação de trem desativada, onde hoje funciona um Lava-Jato. Ao lado da estação existem comércios ambulantes de Churrasquinhos e Floricultura. Uma avenida de duas mãos movimentada passa em frente do outdoor e, das 16h às 18h dos dias úteis, o trânsito fica muito congestionado.

Fotografei a paisagem, incluindo o outdoor, do ponto de vista de um automóvel que estivesse trafegando na pista, com a visão ampla da paisagem, com um enquadramento que ficasse adequado às dimensões do outdoor.

Segundo momento - Preparação da lona e montagem com a imagem da paisagem.



Contratei um bureau para imprimir a foto na dimensão 9 x 3m em lona vinílica. No dia marcado para montagem do painel, nos reunimos as 15h para orientar a equipe de montagem e acompanhei todo processo de instalação. Fiz o registro fotográfico e videográfico da montagem.

Terceiro momento – Exposição do site-specific.

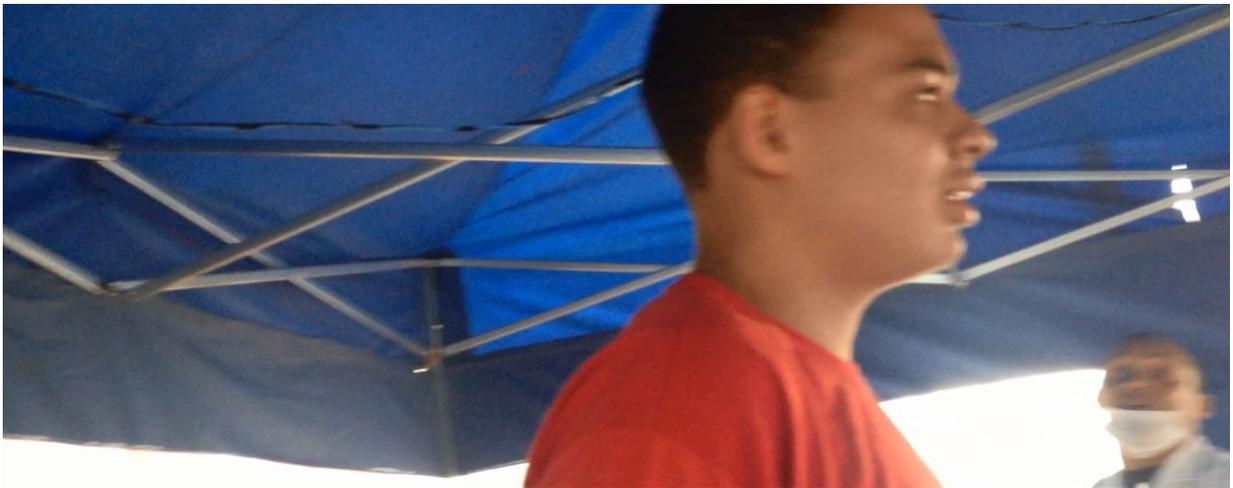


O outdoor com a fotografia que provocava um efeito eco-imagético ficou exposto 22 dias. Frequentei o local vários dias e pude observar que algumas pessoas que dirigiam os automóveis olhavam de forma aparentemente perplexa, apontando para o outdoor e comentando com suas

companhias no veículo. Outras pessoas passavam de forma indiferente, como passam por qualquer outro outdoor.

O outdoor ficou exposto 7 dias além do contrato por iniciativa do locador. Ele declarou que essa exposição aumentou o número de ligações procurando a locação do espaço. Demonstrando que a instalação chamou a atenção das pessoas que passavam.

Quarto momento - Entrevistas, reações dos transeuntes, percepções



Após 10 dias do painel esticado com a imagem da paisagem, fui com um microfone e uma câmera fazer entrevistas perguntando “O que você pensou quando viu esse outdoor? ”. A maioria não sabia o que dizer, dois responderam “interessante” e um menino que trabalhava no Lava-Jato relatou o caso de um cliente que estava cochilando e quando acordou tomou um susto com a imagem do carro que estava no painel e saiu correndo para dentro do

Lava-Jato. Não houve uma resposta mais reflexiva ou que discutisse algum conceito mais aprofundado.

Quinto momento - Retirada e dobração da lona



O processo de retirada foi bem mais rápido que a montagem, em apenas 10 minutos a lona estava retirada. Registrei em vídeo todo processo. Ao final dobrei a lona onde estava a imagem e o outdoor voltou a ficar disponível.

O tempo no período da intervenção passou de várias formas. O tempo do aluguel do painel foi negociado, cronometrado e no final, prolongado por mais uma semana. O meu tempo passou lentamente, enquanto ocorreu a intervenção. Fiz muitas visitas ao local, tive diferentes relatos e observações em relação às experiências de interações da obra com os transeuntes, com o dono do outdoor, motoristas e com os amigos que por lá passaram. O tempo de quem usa aquele local como avenida de passagem passou em alta velocidade, reduziu a chance de visualizar meu trabalho. O tempo da atenção do transeunte ao passar pelo outdoor, além de curto, estava compartilhado com as imagens mentais, mensagens do celular, olhos na pista, etc. As

chances de conseguiu compartilhar e experimentar a imagem exposta no outdoor aumenta para quem estava com a atenção presente naquele momento. Espero que algumas destas pessoas tenham interagido com meu trabalho e aberto a possibilidade de despertar uma reflexão sobre a paisagem e sobre o cotidiano daquela longa estrada.

A obra se apresenta como site specific por sua realização ser apenas possível para determinada localidade. O método da obra pode ser aplicável a qualquer outdoor, porém cada painel terá sua própria paisagem representada, cada localidade receberá de forma diferente a intervenção.

A escolha do local da intervenção urbana foi feita considerando que teria que ser uma via urbana com outdoor de grande visibilidade. Um dos critérios foi de que o outdoor não estivesse muito próximo de outros outdoors ou de edificações que fossem muito chamativos visualmente. A intenção era destacar a intervenção, pois se tratando de uma arte em outdoor, segundo Duarte (2010), a condição específica do uso de um suporte geralmente ligado à propaganda e posicionado fora dos espaços institucionais artísticos apresenta uma situação interacional marcada pela contaminação e o entrecruzamento entre os campos da arte e da comunicação no ambiente público urbano.

O outdoor escolhido, apesar de muito próximo da cidade, tinha a peculiaridade de estar cercado de uma paisagem parcialmente arborizada e com a vista ampla do horizonte, isto é, uma vista agradável, exceto pelo movimento incessante dos carros na via e, naturalmente, o próprio outdoor com sua mensagem mercantilista. Movido pelo questionamento se as pessoas

atentavam para a paisagem, a exibição da foto da própria paisagem no outdoor não poderia se dar em outro contexto, pela minha proposta da intervenção site-specific. Aleluia (2012) sugere que a obra site-specific se distingue de outras formas móveis de escultura, exatamente por ser indissociável do lugar onde se realiza. Grande parte do seu sentido é dada pelas características próprias da paisagem na qual se insere.

Non-site

Disponível 8424-0124



(Videoinstalação, 2016)

A obra “Disponível 8424-0124” é uma videoinstalação composta de dois elementos: a lona do outdoor da intervenção “Meta-Fora” dobrada em cima de um totem; e a projeção, na parede da galeria, do vídeo com cenas do processo de montagem e desmontagem da lona do outdoor da intervenção “Meta-Fora”.

O Disponível 8424-0124 abarca o conceito de non-site, que segundo Smithson (1996) pode ser entendido como uma experiência primeira que traz à tona uma forma híbrida e desterritorializada da noção de site-specific. Prando (2009) afirma que esse conceito foi criado a partir da necessidade de transpor seus projetos de land art para espaços fechados (galerias). A princípio o non-site de um espaço artístico (galeria, museus, publicações, televisão, etc.),

remeteria a um site dentro de um espaço não-artístico (estradas abandonadas, minas de carvão, e outros lugares percorridos pelo artista).

O site-specific Meta-Fora, ao ser transposto para o non-site Disponível 8424-0124, não se caracteriza apenas como o registro ou decalques do site, representações, fechados sobre si mesmo, mas, segundo Prando (2009), essa solução artística é na realidade uma forma de cartografia que permitem pensar a construção de novas territorialidades artísticas abertas e conectáveis em suas dimensões, reversíveis e suscetíveis de receberem modificações constantemente.

Os registros e materiais utilizados na intervenção “Meta-Fora”, mesmo organizados de uma forma expositiva, dispostos da forma mais clara e específica, não conseguiriam transpor a experiência do próprio site-specific. Utilizei, então, materiais para montar um diálogo entre a obra “Meta-Fora” e o próprio espaço expositivo. O conceito de nonsite e novas características poéticas que foram surgindo durante a produção artística deram corpo a essa videoinstalação.

O vídeo

O vídeo do Disponível 8424-0124 é uma edição de partes da filmagem que registra a montagem e desmontagem do outdoor. O instalador protege seu rosto e outras partes descobertas, por conta do forte calor do sol e da tela metálica no ato de desdobrar e amarrar a lona. Assim como o instalador, a visualização da fotografia impressa na lona é retratada apenas em

parcelas de sua totalidade, assim como a própria experiência da rua, que não pode ser transposta em sua totalidade para dentro do espaço expositivo.

Ao utilizar o efeito de “slow-motion” no software de edição, o vídeo que tinha cinco minutos passou a ter dez minutos. Um vídeo comum possui uma taxa de 24 imagens por segundo e ao dilatar o tempo do vídeo para o dobro do tamanho anterior, o número de imagens por segundo diminui pela metade, assim criando um vídeo com 12 imagens por segundo.

O vídeo em câmera-lenta mostra em partes a fixação e a desmontagem do outdoor. A lentidão do tempo do vídeo propositadamente difere do tempo linear definido por Frédéric Gros (2010) como o tempo mecânico contado pelo relógio, o tempo inegociável, sendo aquele que concerne o ambiente do site-specific: os automóveis que transitam, o trabalho do instalador e o prazo do aluguel do outdoor.

“A lentidão é bater perfeitamente com o tempo, tanto que os segundos se escoam, pingam por um conta-gotas como um chuvisco sobre a pedra. Este estiramento do tempo aprofunda o espaço” (Gros,2010, p. 47)

Nas cenas escolhidas, a lona, enquanto está sendo fixada para cobrir a superfície disponível, balança com o soprar do vento e neste balanço, a paisagem ali retratada se movimenta junto com o vento, reflete a luz do sol com pequenos lampejos na superfície da foto. O tempo passa devagar, os movimentos do montador acontecem com lentidão, a câmera lenta cria um estiramento do tempo (Gros, 2010), propondo a oportunidade da imagem se

instalar em nossa mente através da contemplação e com o tempo insistentemente vagaroso do vídeo.

As amarras na lona fixam as estruturas do outdoor possibilitando a nitidez da representação da paisagem. A câmera-lenta do vídeo estira o tempo e explicita detalhadamente cada momento de movimento, possibilitando maior nitidez da imagem e do balançar da lona sobre a ação do vento.

Lona

A lona é o segundo elemento da instalação Disponível 8424-0124. Os materiais da obra “Meta-Fora” são elementos vicários que criam diálogo do site-specific acontecido na rua com a videoinstalação. A lona que em novembro de 2015 chegou no outdoor dobrada, foi desdobrada pelo montador no momento da instalação da intervenção urbana. Após a desmontagem, a lona foi dobrada pela segunda vez e guardada. No terceiro momento, no conjunto da videoinstalação, a lona foi deslocada para a galeria. Para o contexto da videoinstalação, dobrada, a lona se transforma em um outro objeto, com novas ações, situações e provocações aos espectadores.

A lona dobrada está colocada em cima de um totem, na frente da parede onde o vídeo é projetado. Dobrada, o objeto está então como uma matéria que se expõe de forma tridimensional no espaço da galeria, cria-se então uma nova função, diferente da comum, de superfície com uma imagem impressa, agora como um objeto escultórico é imagem de si mesma dobrada, parte de sua contraface é exposta, preta com uma borda branca. Será esta a

matéria que suporta a imagem que é montada pelo personagem do vídeo? Pois sua face com a imagem não se mostra dentro da galeria.

Vídeo - Lona

A proposta de diálogo entre os dois suportes, a lona de outdoor como um meio imagético de larga escala para o ambiente urbano e a projeção de vídeo em ambiente fechado como a galeria, evidencia uma relação complexa entre eles, que beira a impossibilidade de transposição das diversas experiências percebidas, mas, faz a provocação ao atribuir à lona como o elemento da interdependência dos dois trabalhos.

De acordo com Vilem Flusser, para obter um aprofundamento da leitura da imagem o espectador deve permitir a sua vista vagar pela superfície da imagem (Flusser, 1985). A videoinstalação com os elementos lona e projeção na parede, propões criar um ambiente de referência mútua. A lona dobrada refere-se a lona que está no vídeo sendo desdobrada e o vídeo refere-se a uma ação referente ao passado da lona. Sobre o vagar na superfície da imagem Vilem Flusser escreve: “O vagar do olhar é circular: tende a voltar para contemplar elementos já vistos, assim, o “antes” se torna “depois”, e o “depois” se torna o “antes”.” (Flusser, 1985, p. 7).

No momento do olhar e da percepção, vai se criando o que Flusser determina como tempo de magia, tempo onde a significação de cada elemento se dá a partir da interação das referências pessoais do espectador com o vagar do olhar, e não com um olhar imediato, que decifra de forma instantânea e superficial sem aproximar o espectador da experiência de imersão proposta pela obra, mas sim com o espectador criando o sentido das

casualidades e significados da obra através desse tempo dedicado a experiência.

A imersão na videoinstalação tem o tempo escolhido pelo visitante, que partilha espaço com a obra. A relação durante o contato com a obra junto ao ambiente instalado faz com que o visitante experimente sensações e significados, pois não existe uma leitura determinada apenas pela obra em si, mas sim pelo conjunto obra-visitante. Segundo Mello (2007) a videoinstalação é um dispositivo contaminado de linguagem, entre o vídeo, o ambiente e o corpo do visitante.

A lona dobrada no espaço expositivo é um objeto envolto em mistério, que não mostra sua face impressa, nem sua enorme dimensão, proporcionalmente à sala da galeria, mas explicita sua materialidade condensada e é como um objeto contido que dialoga de forma tridimensional com o espaço expositivo, ocupando um espaço que poderia ser de um espectador do vídeo. Enquanto isso, no vídeo, a lona expõe uma paisagem, um carro, uma pista e postes em perspectiva. O objeto, agora compactado, pode ser transportado para outros espaços expositivos, em outro lugar e em outra situação, como um apontamento do que foi, em conjunto com a projeção. A lona está ali, não como um suporte de uma representação, mas sim com seu corpo inteiro.

Considerações Finais

O presente trabalho, para ser elaborado, apresentou os desafios para todos aqueles que escrevem sobre artes visuais, principalmente se o escritor for também o autor das obras a serem debatidas. O notório escritor Italo Calvino cita Douglas Hofstadter fazendo uma provocação sobre esse desafio.

“Admitamos, por exemplo, um escritor que esteja tentando transmitir certas ideias que para ele estão encerradas sob a forma de imagens mentais. Não estando totalmente seguro de como essas imagens se harmonizam em seu espírito, vai procedendo por tentativas, exprimindo-as ora de um modo ora de outro, para chegar finalmente a uma determinada versão. Mas sabe acaso de onde tudo isso provém? Apenas de maneira vaga. A maior parte da fonte permanece, como um iceberg, imersa profundamente na água, fora de vista, - ele sabe disso.” (Calvino, 1998, p.103)

Durante o meu percurso no Bacharelado, tive uma percepção muito nítida sobre minha evolução da compreensão e do aumento das dimensões perceptivas sobre a arte, o fazer arte e suas relações com o contexto social à qual estou inserido. Segundo Melendi (2011), a arte contemporânea se propõe modelar mais que representar, pretende inserir-se e agir dentro do tecido social mais do que se inspirar nele.

A pequena amostra de trabalhos que realizei apresentada no capítulo Memorial pretendeu demonstrar meu amadurecimento quanto à compreensão de que a arte transcende os limites da realização do artista e se constitui um

interstício social, um espaço de relações humanas que, ao se integrar mais ou menos harmoniosa e abertamente no sistema global, sugere outras possibilidades de intercâmbios que aqueles vigentes nesse sistema.

Os trabalhos Meta-fora e Disponível 8424-0124 apresentados no capítulo anterior, se inter-relacionam através de um diálogo pouco provável, mas que propõe aos visitantes experiências imagéticas que possam provocar reflexões concernentes ao tempo e espaço. A realização da intervenção urbana site-specific Meta-fora, proposta aqui como uma obra eco-imagética, foi uma experiência ímpar e efêmera, como acredito que devem ser as experiências provocadas por obras artísticas. A proposta do Disponível, apesar sua solução física não ser a mais complexa que já enfrentei, apresentou-me desafios conceituais, mas que fui socorrido pelos conceitos elaborados por artistas como Robert Smithson.

Finalmente, ao concluir o presente trabalho, como uma das últimas etapas do Bacharelado, manifesto a certeza que a trajetória percorrida nesta universidade certamente ampliou meus horizontes, não apenas em conhecimentos e habilidades artísticas, mas também a consciência do meu papel na sociedade, como artista e cidadão, que tem um caminho ainda muito longo a percorrer e infinitas obras a realizar.

Referências

ALELUIA, Catarina. A poética do site específico: de Bachelard às artes visuais.

Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.

BARJA, Wagner. Intervenção/terinvenção: a arte de inventar e intervir diretamente sobre o urbano, suas categorias e o impacto no cotidiano. Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação, v. 1, n. 2, 2008.

CALVINO, Italo. Seis Propostas para o Próximo Milênio. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DE LIMA, Mateus Vieira Villela. INTERVENÇÃO URBANA: ARTE E RESISTÊNCIA NO ESPAÇO PÚBLICO. Biblioteca Latino-Americana de Cultura e Comunicação, v. 1, n. 1, 2013.

DIAS, Karina. Entre visão e invisão: paisagem (por uma experiência da paisagem no cotidiano). Brasília : Ed. Programa de Pós-graduação em Arte, 2010.

DUARTE, Fábio; FIRMNO, Rodrigo. Manifestações e implicações de uma vida urbana ampliada. I.R.I.E., v. 12, March 2010. Disponível em:

<<http://www.i-r-i-e.net/issue12.htm>> Acesso em: 15 de jun. de 2016.

FERREIRA, Ana Maria. Percepções Urbanas _ Artes do Espaço, 2009.

Disponível em: <

<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/9698/1/PDF.pdf>>. Acesso em: 14 de jun. 2016.

FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta. São Paulo: Hucitec, p. 92, 1985.

LIMA, Mateus Vieira Vilela, Intervenção Urbana: Arte e Resistência no Espaço Público, Tese CELACC/ECA-USP, 2013

GROS, Frédéric. Caminhar, uma filosofia. São Paulo: É Realizações, 2010.

MELENDI, Maria Angélica, III Utopias de Aproximação. 2011. Disponível em <<http://poro.redezero.org/biblioteca/textos-referencias/intervencoes-suburbana-s-maria-angelica-melendi-piti/>>. Acesso em 03 maio.2016.

MELLO, Christine. Videoinstalação e poéticas contemporâneas. ARS (São Paulo), v. 5, n. 10, p. 90-97, 2007.

PRANDO, Felipe. Paisagens Contemporâneas em Práticas Artísticas Discursivas. 18º Encontro da ANPAP, Salvador, 2009.

SMITHSON, Roberto. Robert Smithson: The Collected Writings, edited by Jack Flam, published University of California Press, Berkeley, California, 2nd Edition 1996